

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

**A EMERGÊNCIA DA MULTITERRITORIALIDADE: A RESSIGNIFICAÇÃO DA RELAÇÃO DO HUMANO COM O ESPAÇO; TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS; ESPAÇOS CULTURAIS: VIVÊNCIAS, IMAGINAÇÕES E REPRESENTAÇÕES**

*Adriana Dorfman*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 34: 107-112, maio, 2009.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37432/24178>

---

Publicado por

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

---



**Portal de Periódicos**  
**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

## Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - maio, 2009

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

Resenha de HEIDRICH, Álvaro Luiz et al (orgs.). **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço**. 1ª ed. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008. 312 p.

SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular; Presidente Prudente: UNESP, 2009. 368 pág.

SERPA, Angelo (org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2008. 426 p.

Adriana Dorfman<sup>1</sup>

Esse conjunto de livros, em suas 1100 páginas e quase 60 textos, é representativo de tendências temático-metodológicas, organizacionais e espaciais na Geografia Brasileira contemporânea.

Nas temáticas, vemos a emergência de questões ligadas ao cruzamento entre economia, política e cultura espacializadas, enfatizando conceitos como território e territorialidade; paisagem, lugar e identidade. No estudo de tais questões, a maioria dos autores publicados nas obras aqui resenhadas lança mão de recursos metodológicos como a análise de representações, a valorização da imaginação geográfica, das pesquisas qualitativas, da aproximação entre nossa disciplina e as Artes, entre outras estratégias de análise. No que tange ao recorte espacial, grande parte dos artigos volta-se à micro-escala, ainda que o Estado não desapareça e os influxos da globalização possam ser detectados em quase todas as leituras. Temas, métodos e recortes plausíveis na contemporaneidade, mas que seriam impensáveis em outros momentos da história do pensamento da Geografia Moderna, cujo foco já repousou sobre a região e o espaço, com ou sem variação escalar, mas que conhece hoje uma inédita amplitude de objetos e abordagens.

A principal tendência organizacional pode ser descrita como a emergência de grupos como o Núcleo de Estudos em Espaço e Representações - NEER; o Laboratório do Espaço Social - LABES da UFRGS; o Grupo de Estudos Territoriais - GeTerr da UNIOESTE em Francisco Beltrão; o Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Espaciais - GASPERR da UNESP Pres. Prudente, entre outros. Se, por um lado, podemos relacionar tais grupos à concretização das diretrizes das agências de fomento e financiamento

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia. Chefe do Depto. de Humanidades do Colégio de Aplicação da UFRGS. [adriana.dorfman@ufrgs.br](mailto:adriana.dorfman@ufrgs.br)

da ciência, que incentivam a formação de grupos de pesquisa, por outro podemos atribuir a proliferação de associações ao elevado contingente de pesquisadores hoje em atuação em diferentes pontos do nosso país. A multiplicação de eventos permite visualizar esse caleidoscópio de análises e ensaios, levando à identificação dos eixos e convergências materializados nas coletâneas aqui apresentadas, e à potencialização de tais esforços e resultados.

A organização de grupos em torno dos temas anteriormente citados está ligada a uma tendência espacial, que pode ser resumida como o reforço de lugares marginais, observando-se uma “teorização pelas bordas”, uma vez que tanto os organizadores como a grande maioria das dezenas de colaboradores publicados produzem conhecimento fora do eixo Rio-São Paulo. Nas apresentações, lê-se serem propostas de “constituição de uma rede não-formal e não hierarquizada, de caráter interinstitucional, que congregue núcleos, grupos e projetos de pesquisa, além de Programas de Pós-graduação e pesquisadores isolados” (SERPA, 2008, *orelha*), e a defesa da “existência de diferentes perspectivas epistemológicas de abordagens, concepções e geografias que se constituem a partir das escolhas filosóficas, ontológicas e políticas dos autores e grupos de estudos, caracterizando um momento-período de expansão e diversificação da geografia no Brasil” (SAQUET; SPOSITO, 2009: 15). Angelo Serpa atua na UFBA, Marcos Aurelio Saquet pertence à UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão e Eliseu Savério Sposito trabalha na UNESP de Presidente Prudente, interior do Paraná e de São Paulo, respectivamente, enquanto Álvaro Luiz Heidrich e os demais autores d’**A emergência da multiterritorialidade** organizam-se a partir de Porto Alegre. Enfraquece tal esforço o fato de a circulação de tais obras ser restrita, uma vez que todas são publicações de pequenas tiragens (por vezes apenas 600 exemplares), de editoras universitárias, com distribuição irregular. Por outro lado, a grande dispersão espacial dos autores (RS capital e interior, PR capital e interior, interior de SP, várias universidades do RJ, GO, MS, BA capital e interior, PB, PA, AM, diferentes lugares na Europa) pode compensar tal limitação. Esta resenha alia-se ao empenho em divulgar tais produções.

A opção pela organização horizontal dos grupos é política, e é também ligada a uma geografia do pensamento<sup>2</sup> que afirma a legitimidade desses lugares de enunciação pouco tradicionais. A

---

<sup>2</sup> DORFMAN, Adriana. *Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Florianópolis: 2009.

própria ênfase teórica na (multi)territorialidade propicia o reconhecimento de recortes e processos espaciais menos hegemônicos, afirmando que “o poder está a solta, é das pessoas e é social” (HEIDRICH et al, 2008:4). A participação de autores consagrados na Geografia, como os estrangeiros Claude Raffestin e Paul Claval, e brasileiros como Rogério Haesbaert (presente nas três coletâneas e reconhecido como teórico e interlocutor privilegiado desses grupos) não desmente a tendência a “teorizar pelas bordas”, apenas a enriquece com o valor das referências que têm apontado nessa direção.

Passemos à breve análise de cada uma das obras acima citadas.

**A emergência da multiterritorialidade:** a ressignificação da relação do humano com o espacial foi publicada em 2008, a partir de artigos apresentados em Canoas, 2004, no “I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades”. O livro organiza-se em torno do conceito proposto por Rogério Haesbaert já no início da década em curso e consolidado em 2004 na obra **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade** (Rio de Janeiro: Bertrand, 2004). Tal discussão tinha um caráter político, de reafirmar a territorialidade dos mais variados agentes num momento em que os processos fragmentadores ofuscavam a visão de outras agências. Coerentemente, na Parte I, dedicada à teoria, encontramos o primeiro artigo da coletânea assinado por Haesbaert, onde se recuperam tais questões, juntando-se a outras abordagens teóricas produzidas por Paulo Cesar Gomes e Marcos Saquet, este último afirmando que a abordagem territorial, aliada à temporalidade, permite examinar economia, cultura e política.

A segunda parte do livro trata da construção de territórios através de redes e de ações do Estado, sempre negociadas com outras escalas territoriais, por vezes enfocando territórios rurais. Na próxima seção, as dimensões territoriais são exploradas no contexto do urbano e da urbanização, com ênfase na micro-escala. Questões emergentes ligadas à identidade e cultura encerram a obra.

Muitos dos artigos acima listados se preocupa em colocar alicerces para a discussão das questões ligadas ao território e à territorialidade. Vê-se claramente que os 22 autores voltam-se à construção de embasamento, o que pode ser observado na obra subsequente - não em termos de publicação, mas dos eventos que lhe deram origem - **Espaços culturais**.

Em Salvador, 2007, foi realizado o II Colóquio Nacional do NEER, numa parceria entre a UFBA e UFPR. A organização do livro consegue harmonizar um conjunto a princípio díspar - porque formado por artigos independentes - através da inserção de introdução e conclusão.

Assim, temos a pertinente interrogação de Paul Claval sobre tratar-se de uma geografia cultural ou de uma abordagem cultural na geografia. A parte 1 traz teorias e métodos para a geografia cultural e social: aí é defendida, entre outras idéias, a importância da imaginação na produção do conhecimento geográfico, ampliando a idéia de espaço vivido para além da positividade e incluindo a imaginação (SERPA in: \_\_\_\_\_ (org.), 2008: 61). A parte 2 aborda a geografia escolar, usualmente segregada aos manuais e aqui apresentada como uma forma de aceder às percepções dos sujeitos sobre o espaço vivido para subsidiar propostas de educação (VARGAS in SERPA (org.), 2008: 101). A parte 3 trata de um tema caro à geografia cultural brasileira, a espacialidade do sagrado, desde uma irmandade específica até o vasto grupo shi'i. A parte 4 volta-se ao estudo das representações das paisagens e das regiões, no sentido mais tradicional do termo. A parte 5 explora em profundidade campos de extremo interesse, como a permanência da paisagem, a permanência/transformação do Brasil, os espaços da nudez e do homoerotismo. No epílogo, Rogério Haesbaert invoca hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade para afimar, respondendo à pergunta de Claval que

numa determinada perspectiva, “toda Geografia é Geografia cultural”, na medida em que não há espaço produzido que não o seja através da cultura dos grupos que o constituem (...). Defendemos então o comprometimento com uma visão de Geografia Cultural a partir do que denominamos de abordagem integradora, ou seja, que ao invés de tratar o cultural como uma esfera bem delimitada do espaço social, compreende-o em suas múltiplas e indissociáveis articulações com outras dimensões, como a econômica e a política. (...) Talvez pudéssemos afirmar que as grandes “perspectivas” - e mesmo algumas das grandes “questões” - da chamada Geografia Cultural, hoje, estão justamente nas margens, ou, num termo mais adequado, nos cruzamentos, pois nos referimos às combinações, às intersecções, aos pontos de conexão... (HAESBAERT in SERPA, 2008: 396).

Mais uma vez, Haesbaert, coloca sua posição claramente, expandindo a Geografia e a Geografia Cultural para a complexificação e incremento de significado das análises espaciais.

**Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos centra-se na Geografia Política, e busca a divulgação da contribuição das ciências humanas italianas para o estudo do território. A obra inicia com a proposta teórica de Claude Raffestin, autor seminal para a Geografia Política, que lista o ator (individual ou coletivo), o trabalho (combinando energia e informação), os mediadores (materiais ou imateriais), o programa do ator, em relação com o ambiente em geral, como elementos para um modelo de representação da produção territorial. A seguir, temos uma introdução à obra de Jean Gottman, uma análise da imaginação geográfica de Italo Calvino e uma proposta metodológica de contextualização do desenvolvimento local.

Marcelo Lopes de Souza, Marcos Aurélio Saquet, Rosa Maria Vieira Medeiros, Bernardo Mançano Fernandes e Rogério Haesbaert debatem o conceito de território, sendo que o último introduz a preocupação com a contenção territorial, a partir de Giorgio Agambem. Cicilian Luiza Löwen Sahr e Wolf-Dietrich Sahr revisam a literatura e acionam o conceito de espaço para defender formas alternativas de semiotização e subjetivação, a partir do estudo dos faxinais paranaenses, enquanto Álvaro Luiz Heidrich discute os conflitos territoriais e a preservação da natureza. Maria Gerlada de Almeida, Denise Cristina Bomtempo e Eliseu Savério Esposito debatem diferentes diásporas. Lucas Labigalini Fuini e Élon Luciano Silva Pires, Luciano Zanetti Pessôa Candioto, Roseli Alves dos Santos e Edson Belo Clemente de Souza relacionam políticas públicas, território e região.

O exame destas três obras revela que a preocupação e a crítica a uma atenção excessiva às micro-escalas é infundada. A grande maioria dos estudos de caso aparece ancorada numa preocupação teórica claramente exposta e habilmente invocada e transformada. Concluindo com as palavras de Saquet (in HEIDRICH et al, 2008: 58) “Há que se ter um movimento em nosso pensamento para compreender o movimento do território”. Se o movimento do pensamento expressa o movimento do território, a multiterritorialidade como expressão da economia, da cultura e da política se afirma contemporaneamente como um caminho frutífero para a interpretação do mundo.